



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	“ConversAÇÕES: Materiais expressivos: Eu posso usar todas as cores, né!”
<b>Autor</b>	STÉFANI DE AGUIAR VIEIRA
<b>Orientador</b>	SUSANA RANGEL VIEIRA DA CUNHA

Vinculado ao projeto de pesquisa CONVERS[AÇÕES]: ARTE CONTEMPORÂNEA E CRIANÇAS, o estudo aqui apresentado teve como objetivo pesquisar e apreender sobre as crianças, seus modos de experienciar os materiais expressivos e suportes, bem como a relação com suas produções gráfico-plásticas. A arte contemporânea, seus materiais, artistas, processos de expressão, a cultura visual, entre outros aportes, foram os alicerces da pesquisa e nos deram subsídios para problematizar e argumentar sobre como as crianças elaboram sua linguagem visual, interagem com a arte e novos materiais. Foram 18 meses de pesquisa de campo, entre 2011 e 2012, em encontros organizados quinzenalmente em duas escolas públicas, estadual e municipal, de Porto Alegre. Participaram da pesquisa 39 crianças na faixa etária de 4 a 6 anos. A metodologia utilizada foi observação participante, propostas lúdico-expressivas e momentos de conversas com as crianças sobre suas experiências durante e após as propostas. As propostas lúdico-expressivas eram (re)pensadas em reuniões semanais no grupo de pesquisa com base nos encontros anteriores, nas falas e produções das crianças. Assim, procurávamos desafiar os sentidos delas, inquietá-las, instigá-las a buscar outras soluções para materiais e suportes., fundamentados nos pressupostos da pesquisa intervenção (CASTRO,2008) em que os pesquisadores não atuam como meros observadores do ambiente, eles interagem, vivenciam, aproximam-se no intuito de minimizar a distancia entre pesquisador-sujeitos da pesquisa. O conceito de experiência (LARROSA, 2002) nos auxiliou na elaboração da metodologia e na interação com as crianças. Buscamos desenvolver propostas metodológicas que oportunizassem momentos em que as crianças pudessem experienciar, tocar, cheirar, manusear os materiais e suas possibilidades, vivenciando significativamente seus processos expressivos. No início da pesquisa notamos que as crianças ao manusearem os materiais precisavam da nossa aprovação, posteriormente elas foram ficando mais autônomas em seus processos de descoberta dos materiais e de seus processos de expressão. Os estereótipos nos desenhos (re)produzidos deram lugar a monstros que passaram a ter muitos braços, João disse: *ele é meu, pode ter quantos braços eu quiser*, o celofane rasgado serviu para representar a nuvem cheia de chuva, como afirmou Giovanni, a folha de árvore virou o casco da tartaruga falante para Daniele, e o pó produzido pelo traçado do giz pastel seco é o pó que faltava na mágica do caldeirão da bruxa contou Lenin Daniel. Ao findar da pesquisa em campo, retomamos os encontros através de fotos e das produções gráfico-plásticas, sendo possível perceber que com o decorrer dos encontros as produções infantis tornaram-se mais singulares. Em um dos encontros, quando questionadas sobre a possibilidade de desenhar sobre a fotografia, logo declararam: *vai estragar, a foto fotografia é de se admirar, não pode desenhar, bonito é uma princesa*. Em um encontro anterior havíamos disponibilizado máquinas fotográficas para que eles registrassem aquilo que chamava sua atenção. Após, mostramos imagens de artistas que trabalhavam sobre a fotografia e oferecemos impressas as fotografias feitas por eles e materiais: carvão vegetal, giz pastel, tesouras, cola e lápis de cor. Ao verem-se nas fotografias, ao encontrarem a foto que haviam feito, o que *ia estragar* tornou-se apropriado como suporte, e se *bonito é uma princesa*, os colegas ganharam muitas pernas, olhos e bigodes, criações surgiram sobre esse suporte que a princípio *era de se admirar e não adulterar*. Desse modo, é possível concluir que as crianças, em suas infinitas possibilidades e tentativas, junto às novidades oferecidas pelos materiais, criaram formas para expressar suas singularidades. Em suas falas e produções gráfico-plásticas, percebemos como resignificam, exploraram os materiais e suportes em suas produções. Concluímos que os materiais e suportes podem instigar as crianças a mudarem, extrapolar, (re) inventarem o conhecido e o novo, que pode ser o mais elaborado material ou papel rasgado. A mágica não está somente no caldeirão da bruxa, está na folha rasgada que se torna a medida exata para a caverna do morcego, no corpo que não precisa ser igual nem de palitinhos. A mágica está nas produções mais diversas e singulares que são produzidas quando permitimos que as crianças experienciem seus mais diversos processos expressivos.